



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/entre-o-rizoma-e-a-arte/>

Entre o rizoma e a arte: germinando novas relações epistêmicas e ecológicas além do antropocentrismo

Érik Felipe Roldam Mateus[1]

Everaldo Skrock[2]

RESUMO: Desde o surgimento da agricultura, a vida vegetal foi percebida e manipulada de acordo com a sua utilidade à humanidade. Concomitantemente, o conhecimento sobre as relações ecológicas desenvolveu-se a partir de uma percepção notadamente enviesada: o antropocentrismo. Com o objetivo de estabelecer outras formas de se relacionar com o ser vivente além deste viés, o presente ensaio busca tecer novos meios de sentir, notar e interagir com a vida vegetal a partir da *Cyperus rotundus* (Tiririca), contribuindo para repensar as relações ecológicas entre a humanidade e os outros seres viventes. Para tal, foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de autores que tratam da filosofia da diferença e suas associações com os seres viventes, destacando-se as contribuições de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Emanuele Coccia; ademais, uma pesquisa em arte foi desenvolvida apoiando-se no referencial metodológico de Sandra Rey e Luiz Costa *et al.*; ainda, um relato de experiência foi escrito com o intuito de elucidar as escolhas e vieses da corrente pesquisa. As compreensões resultantes, apoiadas no conceito de Rizoma (Deleuze; Guattari, 1995) aliado à pesquisa em arte, permitiram notar a vida de maneira descentralizada ao antropocentrismo utilitário, contribuindo para complexificar o conhecimento sobre as relações ecológicas na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Antropocentrismo. Ecologia. Pesquisa em Arte. Rizoma. Vida vegetal.



Between the rhizome and art: germinating new epistemic and ecological relations beyond anthropocentrism

ABSTRACT: Since the emergence of agriculture, plant life has been perceived and manipulated according to its usefulness to humanity. Concomitantly, knowledge about ecological relationships has developed from a notably biased perception: anthropocentrism. With the aim of establishing other ways of relating to living beings beyond this bias, this essay seeks to weave new means of feeling, noticing, and interacting with plant life with *Cyperus rotundus* (Nutgrass) as a starting point, contributing to a rethinking of the ecological relationships between humanity and other living beings. To this end, a bibliographic survey was conducted based on authors who approach the philosophy of difference and its associations with living beings, highlighting the contributions of Gilles Deleuze, Félix Guattari, and Emanuele Coccia; furthermore, research in art was developed, supported by the methodological framework of Sandra Rey and Luiz Costa *et al.*; even more, an experience report was written with the intention of elucidating the choices and biases of the current research. The resulting understandings, supported by the concept of Rhizome (Deleuze; Guattari, 1995) combined with art based research, allowed to observe life in a way that was decentralized from utilitarian anthropocentrism, contributing to a more complex understanding of ecological relationships in contemporary.

KEYWORDS: Anthropocentrism. Art-based research. Ecology. Plant life. Rhizome.

“As plantas, de fato, representam o ponto de vista - ou melhor, o ponto de vida - privilegiado para compreender e descrever o mundo enquanto tal, e de modo mais geral, para apreender a relação entre vida e mundo.”
(Emanuele Coccia, 2018, p. 4)



Introdução

As crises ambientais e ecológicas estão no cerne do debate científico contemporâneo. Ao reduzir o mundo natural ao útil à espécie sem medir suas consequências, a humanidade transformou as relações entre o planeta e os seres viventes presentes nele, gerando instabilidade e incertezas sobre a permanência do referido hominídeo no globo terrestre. Portanto, é evidente a importância de se compreender melhor a complexidade da vida e de seus elos, proporcionando novas formas da humanidade pensar e agir além da perspectiva baseada na utilidade antropocêntrica e, assim, contribuindo com os esforços já existentes dentro e fora da academia para a redução dos impactos antrópicos sobre o equilíbrio ecológico terrestre.

Para tal, o presente ensaio articula diversos autores em diferentes áreas do conhecimento. Destacam-se os escritos de Emanuele Coccia sobre a desconstrução das hierarquias estabelecidas entre a humanidade e a vida vegetal, junto a Gilles Deleuze e Félix Guattari por suas contribuições sobre a horizontalidade estética/perceptiva, de um modo geral, por meio do conceito “Rizoma” (Deleuze; Guattari, 1995). Também é notória a importância dos textos de Sandra Rey (2012) e Luiz Arthur Costa, Tania Mara Galli da Fonseca e Margarete Axt (2014) para este ensaio, sobretudo por suas colaborações no que tange à relevância e à validade da pesquisa poética e das possibilidades perceptivas geradas pela criação em arte, respectivamente.

Desta maneira, ao articular diferentes autoras e autores com perspectivas convergentes no que tange à percepção da realidade a partir da diversidade de estímulos sensíveis e concepções sobre o universo e a vida, é possível complexificar o entendimento sobre a ecologia e refletir sobre os vieses humanos sobre a mesma.

Metodologia

Vislumbrando uma investigação multidisciplinar e ampla sobre a vida, o fluxo conceitual do presente ensaio foi elaborado a partir de um levantamento bibliográfico em diferentes epistemologias, articulando, sobretudo, as Ciências Biológicas e a Filosofia. É proposta, também, uma pesquisa poética, levando em conta que, durante o processo de produção e pesquisa em artes, novas relações de percepção e entendimento sobre o mundo são desenvolvidas a partir dos conceitos, cores, modos de ver, gestos, etc. (Costa; Fonseca; Axt, 2014, p. 1156). O processo



poético e as imagens criadas tornam-se capazes de gerar novos significados e relações com o mundo; a experiência de fazer e criar permite ao artista-pesquisador ter um ponto de vista diferente, levando-o a produzir interpretações e significados novos, contribuindo para maior complexificação do conhecimento e suas relações. Nas palavras de Sandra Rey: “É a experiência que autoriza o artista a ter um ponto de vista teórico diferenciado” (Rey, 2012, p. 4).

A ação-criação em arte é caminho para a valorização da diferença, do divergente e das relações diversas com o conhecimento, articulando estímulos tácitos e discursivos (Costa; Fonseca; Axt, 2014, p. 1166; Rey, 2012, p. 4) raramente associados. A realização da imagem poética, seja como processo ou como objeto final (Costa; Fonseca; Axt, 2014, p. 1164), favorece novas percepções e conexões entre os objetos do conhecimento investigados. Semelhante ao Rizoma e às suas possibilidades (este panorama será melhor avaliado na seção dos resultados), o processo de pesquisa em artes elucida relações não percebidas e favorece novos entendimentos a partir de estímulos estéticos diversos, complexificando o conhecimento a partir de diferentes formas de entender a realidade.

Ainda, na pesquisa empírico-teórica de natureza qualitativa - como os estudos teórico-poéticos propostos - é fundamental que o pesquisador se reconheça (Daltro; Faria, 2019, p. 226) e explique suas decisões, sentimentos e manifestações que guiam a pesquisa, evitando possíveis vieses ocultos (Antunes *et al.*, 2024, p. 6). As diversas observações, hipóteses, decisões e percepções realizadas durante o processo de pesquisa bibliográfica e em artes foram anotadas e articuladas, gerando um relato de experiência (Antunes *et al.*, 2024, p. 20). Assim, os distintos estímulos que atravessam o pesquisador (tácitos e discursivos) favorecem - ao serem descritos em um texto - o aparecimento de singularidades, da diferença perceptiva e da complexidade relacional no conhecimento, além de generalismos e vieses culturais normativos (Daltro; Faria, 2019, p. 235). Deste modo, durante a elaboração do relato de experiência, surgem novas formas de compreender o sujeito-pesquisador, seu entorno e o objeto de pesquisa, permitindo a análise das subjetividades e objetividades envolvidas na investigação de forma mais coerente e detalhada.

É proposta, portanto, a integração e a partilha entre o levantamento bibliográfico multidisciplinar, a investigação poética e o relato e experiência, assentindo complexificar o conhecimento a partir de diferentes perspectivas epistemológicas. Destarte, ao pesquisar um tema qualquer por meio de



diferentes maneiras de experienciar a realidade, surge uma infinidade de concepções e, ao articulá-las, é possível compreender a existência de maneira mais ampla e relacional. Nas palavras de Coccia: “Um filme, uma escultura, uma canção pop, mas também uma pedrinha, uma nuvem, um cogumelo pode ser filosófico com a mesma intensidade que um tratado de geologia, a Crítica da razão pura ou um adágio pronunciado com a falsa negligência do dândi” (Coccia, 2018a, p. 118). Como resultado, um relato de experiência sobre o processo de pesquisa e seus desdobramentos, um texto sobre a Vida, a Diferença e o Rizoma são apresentados, além de um trabalho poético nas mesmas temáticas.

Resultados e discussões

1. Relato de experiência

O primeiro contato que tive com o ambiente acadêmico foi mediado através das ciências exatas ao estudar engenharia. Desde então, fortaleceu-se em mim a ideia de que um certo tipo de “racionalidade utilitária” era a forma mais apropriada de se compreender a realidade. Em certo momento, desisti de prosseguir no curso de engenharia e comecei a estudar arte por conta própria, mantendo o viés e tratando a utilidade como guia epistemológico e prático, mas agora no meu processo artístico: eu estudava e pintava paisagens por elas serem-me “úteis”; produzia pequenos jardins poéticos em forma de pintura com o intuito de comercializá-los.

Com o objetivo de materializar certas características da vida vegetal nas pinturas, estudei a flora por uma perspectiva formal-espacial. As plantas eram vistas como ornamentos, com formas e cores a se aproximar a fim de criar uma composição maior que coubesse no meu conceito de “belo”. Assim, eu poderia profissionalizar o ato de pintar e “viver da arte”, utilizando-me da vida vegetal - ou da minha interpretação sobre ela naquele momento - e da criação poética para tal. Até esse momento, eu nunca havia pensado sobre a flora em si, com suas particularidades, propriedades, potencialidades e interações, deixando diversos aspectos da sua existência despercebidos. Eu passei um bom tempo almejando relacionar as plantas e a criação artística sem nunca compreendê-las mais profundamente, limitando-as a uma forma espacial desejável por ser útil.



Figura I, “A Vibração do Verde”, Autor, 2022.

Ao entrar na graduação de Licenciatura em Artes Visuais, comecei a estudar Filosofia e minha definição de “belo” passou a ser repensada em meio às teorias estéticas contemporâneas, transformando, também, as relações entre desejo e utilidade, orientadores dos rumos de minha produção poética até então. A percepção humana passou a ser compreendida de modo mais abrangente, especialmente após leituras realizadas sobre os textos de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Morris Weitz. Em certo momento, elaborei, como exercício avaliativo para uma disciplina, uma relação entre a perspectiva de Rizoma, elaborado por Deleuze e Guattari (1995), e a Estética pensada como conceito aberto no texto de Weitz (1956):



As teorias estéticas tradicionais apresentadas - formalismo, voluntarismo, emocionalismo, intelectualismo, intuicionismo, organicismo - falham ao definir de forma essencialista o que define a experiência sensível humana. A multiplicidade é princípio da existência perceptiva humana e entra em contradição ao ser pensada de forma rígida e imutável. Portanto, a estética pensada a partir de “conceito aberto” se relaciona com a filosofia rizomática ao considerar o diferente e a não rigidez como condições. A estética como teoria é essencialmente pautada no diferente. A estética é um rizoma e a arte só pode ser compreendida a partir da diversidade (Autor, comunicação pessoal, 2024).

A partir de então, a abertura a diferentes possibilidades de perspectivas da experiência humana, além do “desejável”, do útil ou do “belo”, guiou meu interesse pelo processo de pesquisa em Filosofia, Arte e, posteriormente, Ecologia.

Após aprofundar-me no conceito de Rizoma, vislumbrei as estruturas perceptivas humanas de forma diferente: as generalidades cederam espaço para a diferença e a valorização do singular, do múltiplo e do contextual, levando-me a questionar sobre as plantas que eu pintava naqueles quadros e suas outras características possíveis. Contudo, ainda sob um viés utilitário, almejando construir uma investigação poética e filosófica, procurei alguma planta que tivesse a estrutura de rizomas (conceito botânico), com o intuito de explorar a relação entre o que era produzido anteriormente no meu fazer poético e as teorias estéticas contemporâneas recém-descobertas.

Dentre as inúmeras espécies encontradas, a *Cyperus rotundus* chama minha atenção por, além de conter rizoma[3], ser comumente referida como “a mais terrível das ervas daninhas” nos mecanismos de busca digitais. Estranhei muito isso. Até fazia sentido desejar algo a partir da sua utilidade, como eu fazia com a vida vegetal até então, mas por que uma planta específica pode ser tão indesejada? O que faz uma planta ser desejada ou indesejada, de modo mais geral? As motivações por trás de sua indesejabilidade tornaram-se o foco desta etapa da pesquisa, buscando tecer relações entre o desejo humano sobre a planta e outras maneiras de percebê-la. Neste momento, eu ainda estava buscando relacionar o conceito filosófico e o botânico (para evitar confusão, serão tratados como Rizoma e rizoma no corrente texto, respectivamente) a partir da referida planta, anotando as ideias da pesquisa articuladas em um diário:



10/01/2025

Subterrâneo;

O mundo abaixo da superfície normalmente é esquecido;

Qual a perspectiva abaixo do solo? E as raízes, os rizomas e o que não vemos? E a *Tiririca* (*Cyperus rotundus*)? (Autor, comunicação pessoal, 2025).

Em outras leituras, reflexões e conversas com docentes pesquisadores em poética artística, foi-me apresentada a ideia de como o próprio conceito de rizoma poderia ser aplicado ao processo de pesquisa de forma epistemológica, crítica e prática. Momento crucial, no qual notei que estava seguindo o viés que propunha-me a criticar: ao buscar relações possíveis de serem exploradas a partir de uma espécie vegetal e um conceito humano (Rizoma), eu estava reduzindo a espécie em questão a um modelo filosófico-epistemológico-metodológico e seus desdobramentos possíveis.

Com a descentralização proposta pelo citado sistema filosófico, não há por que priorizar uma característica tomada como essencial ao considerar uma forma de vida. Seja a utilidade, a desejabilidade ou as aproximações possíveis entre as relações pragmáticas presentes, uma planta pode ser reconhecida, em vez disso, por sua existência, com suas diferentes interpretações contextuais fluindo e sendo compreendidas como parte de seu devir vegetal diverso e plural. Notei que a busca de relações com a referida planta a partir da sua redução aos seus rizomas era utilitária. Minha desejabilidade sobre ela havia mudado do “belo” para o “conceitual”, mas ainda mantendo o viés utilitário. Desta forma, durante o rumo das investigações poético-teóricas, deixei de buscar uma característica botânica (rizoma) para embasar estudos poético-filosóficos, passando a valorizar a “Tiririca”[4] por si.

Os seres vivos podem e são mais do que sua utilidade e rótulos específicos, afinal a vida, suas relações e o universo como um todo podem ser percebidos de forma não hierárquica, transitória e complexamente relacional - percepção desenvolvida após apropriar-me e colocar em prática o conceito de Rizoma deleuze-guattariano e as teorias de Emanuele Coccia sobre a vida, além das trocas com docentes e colegas. A partir de então, a *Cyperus rotundus* passa a ser valorizada por suas nuances e possibilidades por si, e não como parte de um jardim poético ideal - ou ainda como uma planta que continha estruturas botânicas relacionadas com o conceito deleuze-guattariano (1995). A própria natureza meta-investigativa da corrente pesquisa contribuiu para alterações



durante o seu curso, a partir de novos “dados” e descobertas. O que fazia muito sentido, afinal “[...] o projeto na pesquisa em artes visuais, equivaleria a um projétil, algo que é lançado com uma mira. Mas o caminho exato que irá percorrer nunca sabemos” (Rey, 2012, p. 3).

Inicia-se então meu trabalho para, por meio da arte e da filosofia rizomática como princípio da minha nova cosmovisão, desconstruir relações hierárquicas sobre o desejo, a utilidade e a vida. Destarte, eu poderia compreender a *Cyperus rotundus* de maneira abrangente, apoiando-me em uma diversidade de teorias ecológicas, conceitos filosóficos e na ressignificação da minha própria criação poética.

Quais são as características gerais desta espécie segundo a ecologia antrópica? Como a “Tiririca” interage com outras plantas e animais, além dos rótulos dados a ela? Quais são as motivações estéticas para a espécie vegetal ser referida como a “(...) planta daninha mais disseminada e a mais nociva de todo o mundo (...)” (Lorenzi, 2008, p. 272) na academia? Quais outras relações perceptivas possíveis podem ser estabelecidas com tal espécie quando a diferença é tomada como princípio e os vieses hierárquicos são colocados em segundo plano? O que é a *Cyperus rotundus* a partir das suas diversas perspectivas, de modo a aglutinar a diferença? Estas são algumas das perguntas que passam a nortear minha investigação. Os textos que se seguem resultam de seus desdobramentos.

2. Introdução à relação entre a teoria estética e a vida

A desejabilidade (ou a indesejabilidade) de uma planta influencia a percepção humana sobre ela, não só de modo particular e pessoal, mas também de modo social e cultural. A própria ciência, muitas vezes também munida pelo utilitarismo típico da modernidade, tende a reduzir uma planta a poucas características, de acordo com um recorte de investigação. Isto é ainda reforçado quando o sujeito-pesquisador não reconhece seus vieses e limitações (motivações) por trás de sua pesquisa, levando-o a tomar sua cosmovisão como verdade absoluta e, portanto, generalizável.

Ao explorar um tema como a vida e sua complexidade por meio da diferença, é possível perceber que as perspectivas e verdades tomadas como garantidas são fugazes perante o devir universal - aqui tomado como o constante fluxo e circulação de estados possíveis. Pensar a partir da diferença possibilita reconhecer além da utilidade ou de outras generalizações. Desconsiderar verdades



absolutas e hierarquias rígidas abre caminho para a compreensão de outros aspectos muitas vezes silenciados pelos panoramas normativos. Ao considerar a experiência humana de forma descentralizada das hierarquias/normas e aberta ao possível, surgem novas compreensões e conhecimentos sobre um tema e o entendimento sobre o mesmo torna-se, assim, mais amplo. Com o intuito de compreender a *Cyperus rotundus* (mas também a vida como um todo) de forma abrangente por meio da diferença, é notória a importância de analisar suas relações históricas e ecológicas com a humanidade. Assim, é possível entender como as diversas percepções já aglutinadas pela ciência sobre a referida espécie contêm um viés utilitário e antropocêntrico oriundo de um passado antigo, resultando em uma visão generalista^[5] sobre a planta, especialmente ao desconsiderar a infinidade de possibilidades semióticas existentes e notadas quando se toma a diferença e a horizontalidade como princípios.

3. A agricultura e as plantas indesejadas

Com o fim do nomadismo e o início da agricultura, a humanidade transformou as relações ecológicas previamente existentes, iniciando um período marcado pela influência antrópica extensiva sobre todo o planeta terra. Enquanto modificava as relações entre os seres viventes visando extrair o máximo de recursos possíveis (Carvalho, 2013, p. 9), o *Homo sapiens* deixou de ser nômade e passou a se preocupar com a domesticação da vida vegetal (Guzmán; Martínez-Ovalle, 2019, p. 69). Neste contexto, surge a agricultura e:

O caçador tornou-se agricultor e domesticou plantas para suprir suas necessidades básicas. O risco de perder a vida na selva enquanto caçava tornou-se o risco de não conseguir suprir suas necessidades devido a uma colheita ruim (Guzmán; Martínez-Ovalle, 2019, p. 69, tradução própria^[6]).

A domesticação da vida vegetal, apesar dos esforços acumulados com as tecnologias agrárias, não foi tão simples: a ação humana também possibilitou, ao transformar os ambientes e a ecologia de forma extensiva com a nova prática sedentária por todo o planeta, a reprodução e a proliferação de outras formas de vida - estas nem sempre desejadas. Progressivamente, as plantas que conseguiam se propagar, apesar da interferência humana sobre as relações ecológicas provenientes da agricultura, foram selecionadas por sua capacidade de se adaptar às novas



condições impostas (Guzmán; Martínez-Ovalle, 2019, p. 69; Lorenzi, 2008, p. 19; Carvalho, 2013, p. 12; Pitelli, 2015, p. 1). As espécies vegetais capazes de co-evoluir com a ação agrícola humana e seus desdobramentos foram selecionadas, geração após geração, e se mantiveram até os dias de hoje.

Contemporaneamente, qualquer planta que interfira em algum sistema humano, como o agrícola, é considerada indesejada - ou “daninha” - (Pitelli, 2015, p. 2; Guzmán; Martínez-Ovalle, 2019, p. 69) por algumas áreas da ciência, notadamente influenciadas pelos vieses da Engenharia Agrícola tradicional. Sob esta perspectiva, notadamente antropocêntrica, toda e qualquer forma de vida vegetal que não seja desejada pela humanidade é uma planta “daninha”. E uma planta indesejada é uma planta que interfere com o cultivo agrícola, no viés utilitário.

Em geral, de 30 a 40% da produção mundial agrícola no clima tropical é reduzida pela ação das plantas “daninhas” (Lorenzi, 2008, p. 26), contribuindo para a perspectiva enviesada ao classificar a planta de acordo com parâmetros utilitários agrícolas contemporâneos. Especificamente, a *Cyperus rotundus* afeta diferentes culturas vegetais humanas pela competição direta - como a Cevada, o pepino, a cebola, o algodão, a soja, a cenoura e a abobrinha (Pavezi, 1988, p. 21; Doll, s.d. *apud* Pavezi, 1988, p. 1; William; Warren, 1975 *apud* Pavezi, 1988, p. 1; Keeley, 1987 *apud* Pavezi, 1988, p. 1). Ainda, a maior parte dos herbicidas não é eficaz com a “Tiririca” pela sua resistência e capacidade de proliferação, sendo capaz de re-infestar áreas mesmo se apenas um único rizoma estiver vivo no solo (Pavezi, 1988, p. 2) após o uso dos defensivos agrícolas. Na prática, o uso descontrolado de herbicidas pode favorecer a capacidade de adaptação e propagação da *Cyperus rotundus* (Carvalho, 2013, p. 14), permitindo-a proliferar-se rapidamente em ambientes com as relações ecológicas perturbadas e agora sem outras espécies competidoras (Pavezi, 1988, p. 3), retomando sua potência na disputa por recursos com as espécies vegetais cultivadas.

A totalidade das características descritas influencia na classificação da *Cyperus rotundus* a partir da perspectiva utilitária humana, de maneira a ser vista como uma planta prejudicial e “daninha”. Contudo, diferentes sociedades humanas coexistiram e coexistem com distintas espécies de flora, em relações ecológicas complexas: uma mesma espécie vegetal poderia ser cultivada como alimento em um local, mesmo sendo tratada como invasora ou daninha em outro. A *Cyperus*



rotundus tem muitos usos para a humanidade, como na fabricação de papel e na alimentação (Santos, 2014, p. 27); pode também ser utilizada na alimentação de suínos, como ocorre em Portugal (Moreira, 1990 *apud* Santos, 2014, p. 21). Já no Brasil[7], há registro de usos na medicina fitoterápica (Arantes *et al.*, 2005 *apud* Santos, 2014, p. 35). Nesses contextos, a utilidade da planta modifica sua desejabilidade, sendo possível notar que as distintas culturas apresentam outras relações possíveis com a mesma espécie.

Dada a contextualidade sempre presente na análise de uma forma de vida a partir da perspectiva utilitária, nenhuma planta pode ser considerada completamente desejada ou indesejada neste panorama (Lorenzi, 2008, p. 18). Até mesmo uma forma de vida tipicamente valorada como uma “planta daninha”, como a *Cyperus rotundus*, pode emergir com complexidades tipicamente não percebidas em si mesma e na sua relação com a humanidade, dados diferentes contextos e formas de perceber as relações da espécie com o mundo ao seu redor.

Ainda, em uma perspectiva alternativa antropo-descentralizada, as plantas são as formas de vida pioneiras em modificar e transmutar o espaço, possibilitando outras espécies - como os humanos - existirem. Nas palavras de Emanuele Coccia (2018b, p. 5):

São as plantas que fazem da matéria e do espaço que nos rodeiam um mundo, que reorganizam e rearranjam a realidade tornando-a um lugar habitável e vivível. O mundo, deste ponto de vista, é antes de tudo uma realidade vegetal: é um jardim antes de ser um zoológico, e é somente porque é um jardim que podemos ali viver.

Com a sua capacidade de transformar a realidade de acordo com sua própria experiência, é no mínimo enviesado pensar nas plantas apenas pelo desejo humano orientado para o útil, seja na agricultura, na culinária, na filosofia ou como referência para a criação poética de uma paisagem em uma tela: “[...] as plantas não são a paisagem, elas são os primeiros paisagistas. O que chamamos de paisagem é na realidade um povo de paisagistas; o que chamamos de jardim é um exército de jardineiros que não para de mudar e cinzelar o rosto do mundo” (Coccia, 2018b, p. 6). Definir a vida a partir do desejo humano orientado ao útil parece limitado e contraditório, especialmente quando a conceitualização obtida a partir deste processo é tomada como verdade absoluta, “rotulando” a forma vivente. Nas palavras de Guzmán e Martínez-Ovalle (2019, p. 72,



tradução própria[8]): “Embora o termo erva daninha seja amplamente utilizado na maior parte do mundo para se referir a uma espécie indesejada em um determinado momento, é uma expressão muito severa para espécies que, no final, são simplesmente incompreendidas pelos humanos”. Evidencia-se a necessidade da compreensão da espécie além de seus rótulos e classificações utilitárias antrópicas, almejando uma teoria do conhecimento menos parcial e complexa sobre a vida, seus processos e relações. É proposta, portanto, uma alternativa à cosmovisão generalista e da redução ao útil-desejável, amparada na filosofia da diferença e no conceito de Rizoma.

4. O rizoma e a vida por si

Ao negar estruturas rígidas e eternas, ao confrontar a ideia de começo-meio-fim, ao questionar o pensamento dicotômico, ao refletir sobre o papel do singular e do diferente em contexto com o complexo e com o plural, a teoria elaborada por Deleuze e Guattari (1995) contribui para a análise além das generalizações, dos rótulos e das normas hierárquicas, muitas vezes presentes na cosmovisão utilitária. Elaborada a partir de uma relação pragmática com o rizoma vegetal[9] e suas características botânicas, o Rizoma é um conceito filosófico que considera a diferença como fator relevante na compreensão da realidade, favorecendo a descentralização e a horizontalidade.

Compreender a vida, o universo e suas relações por meio deste modelo conceitual filosófico-epistemológico-metodológico, proporciona novas ideias a partir de uma constante troca de estados perceptivos (Deleuze; Guattari, 1995, p. 32) ocasionados - ao favorecer a descoberta e a detecção do diferente como partes fundamentais dos fluxos contínuos do processo de pesquisa da realidade - pelas experiências (tácitas e discursivas) que se acumulam durante a investigação de naturezas diversas. No Rizoma não existem posições fixas e qualquer coisa, como a utilidade de uma planta ao *Homo sapiens* e/ou sua desejabilidade em uma sociedade, pode ter sua percepção valorada de forma drasticamente diferente de acordo com a análise realizada e seu contexto.

A partir das multiplicidades estéticas encontradas na Rizoma (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21), é possível compreender e valorizar uma infinidade de características e relações potenciais diversas, como tamanho, cor, impactos agrícolas, ecologia, história, reflexões filosóficas, criações poéticas, etc. Com a horizontalidade e a descentralização como componente do devir universal na perspectiva rizomática, distintas formas de conhecimento podem e estão conectadas entre si



(Deleuze; Guattari, 1995, p. 14), mesmo onde aparentemente não existe a possibilidade (ou a utilidade) de uma relação entre os estímulos estéticos diversos (Deleuze; Guattari, 1995, p. 31). Compreender, a partir do Rizoma, é permitir-se ao infinito da diferença, abrindo espaço para emergir à percepção o que não foi notado anteriormente por uma estética rígida e enclausurada. Enxergar a vida com seus diferentes estímulos estéticos a partir de uma ótica rizomática, suas transformações e suas relações com o devir/existir, é evitar um viés único e abrir-se ao múltiplo das percepções possíveis, oportunizando uma compreensão mais ampla de um tema estudado. A teoria deleuze-guattariana apresentada permite entender as singularidades e diferenças de uma forma de vida de forma única: negando generalizações, hierarquias rígidas e verdades universais, é possível abrir-se ao novo e à descoberta. Se a utilidade é uma concepção possível, existem infinitas outras. Localmente, é possível priorizar uma ou outra concepção, dada uma demanda metodológica; contudo, é inválido tomar esta conceitualização como absoluta, dada a infinidade de outras concepções e a relação não-hierárquica (horizontal) possível entre elas. Verdades universais/absolutas são apenas concepções contextuais dentro do Rizoma, não sendo, em última análise, nem absolutas e nem universais.

Assim, de acordo com o modelo rizomático, não é necessária uma característica essencialista/central para entender uma espécie vegetal - ou mesmo um tema qualquer. A compreensão pode ser desenvolvida a partir da multiplicidade estética entre os seres e das relações ecológicas com a horizontalidade tomada como princípio, permitindo conhecer a realidade a partir de um “ponto de vida” singular enquanto este se relaciona com a diferença do universo:

[...] toda forma de vida é também forma do mundo, que ela a um só tempo produz e contempla. É por isso que, para observar o mundo, não precisamos de um ponto de vista, e sim de um ponto de vida: o universo vive, ele é, em toda escala, um produto do vivente, e é somente ao vivê-lo que se poderá explicá-lo, não o inverso (Coccia, 2018a, p. 11).

Se a compreensão da realidade pode ser estudada a partir de uma forma de vida e sua diversidade de interações sensíveis e semióticas, vale atentar para quais relações podem ser estabelecidas a partir da ação poética do sujeito artista-pesquisador, suas percepções e manifestações, conjuntas



com outras formas de vida. A criação da imagem poética, nesta perspectiva, é também uma forma de compreender e explicar a realidade, manifestando, mesmo que de forma indireta, a hipotetização do ser vivo que pesquisa e experimenta; ação esta especialmente potente quando amparada pela abertura ao possível, gerando uma “máquina rizomático-hipotética”:

[...] As imagens poéticas podem nos prover um dispositivo para a criação de tal máquina rizomático-hipotética, ampliando nossa potência de perspectivação da realidade. Já que estas imagens não nos propõem uma representação, uma relação rígida, simples e analógica entre a imagem e os eventos (objetos, ações, sujeitos, acontecimentos etc.), ela promove a criação de novas relações para além da mera designação e definição, permitindo o surgimento de novas preensões, nexos e perspectivas no mundo. Assim, tal afetação pela singularidade da imagem poética adentra nossa constituição ontológica mesmo, contribuindo com o desvio, com a fuga, com a emergência do novo (Costa; Fonseca; Axt, 2014, p. 1165).

A criação poética, quando alinhada à diferença, à horizontalidade e à percepção descentralizada, possibilita a compreensão de distintos estímulos sensíveis, indo além do que é convencionado e generalizado. Como já citado: “É a experiência que autoriza o artista a ter um ponto de vista teórico diferenciado” (Rey, 2012, p. 4). Logo, durante este tipo de investigação poética, é possível conhecer outras perspectivas da *Cyperus rotundus* quando amparado pela descentralização e pela hipotetização realmente aberta ao possível - embasada a partir das teorias e reflexões propostas - e, assim, aproximando a criação e reflexão do artista-pesquisador com a diferença encontrada nesta forma de vida. Portanto, é proposto o encontro entre a criação poética do sujeito-pesquisador, a “Tiririca” e o Rizoma como método de investigação da realidade a partir da diferença, visando compreender de forma mais ampla a referida espécie e o conhecimento ao seu entorno.

5. Produção poético-visual e compreensão descentralizada a partir da espécie *Cyperus rotundus*



Figura II, Fotografia da *Cyperus rotundus*, André Carapeto.



Figura III, “Além da Paisagem”, Autor, 2025.

A pintura apresentada inicialmente na corrente pesquisa, “A Vibração do Verde”, foi recortada e reconstruída, unindo através de um barbante a moldura da tela - ainda com elementos da pintura original - e o recorte realizado. Desta maneira, tornou-se possível enxergar além da “superfície” da paisagem poética anteriormente realizada, iniciando a reflexão a respeito do Rizoma (filosófico),



do rizoma (botânico) e suas relações. Contudo, aqui ainda estava buscando tecer relações investigativas a partir da utilidade que a “Tiririca” em conjunto com estes conceitos poderia proporcionar-me à corrente pesquisa.



Figura IV, “Os R(r)izomas”, Autor, 2025.

Através da técnica do papel machê, os R(r)izomas da “Tiririca” foram poeticamente materializados por meio de uma experiência escultórica com forma diferente e única, afinal “O rizoma nele



mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 14). Neste momento, minhas conceitualizações com o Rizoma deleuze-guattariano começam a ser exploradas de forma expansiva com a própria investigação realizada, abrindo caminho para outras relações possíveis com a *Cyperus rotundus* e a pesquisa teórica embasada a partir da diferença.



Figura V, “A Tiririca Além da Paisagem”, Autor, 2025.

Por fim, a escultura realizada foi sobreposta à paisagem previamente desconstruída e remodelada. Os rizomas da *Cyperus rotundus* - aqui tomados como todo seu potencial de manifestação da diferença - tornaram-se aparentes, emergindo do solo e manifestando-se acima da superfície,



transformando, destarte, minha valoração anterior sobre esta produção poética. Levando em conta os rizomas da planta (botânico e filosófico) e também pensando além deles, foi possível entender a espécie vegetal por meio da diferença e de seus desdobramentos: não é sobre a paisagem, sobre o útil, sobre o Rizoma, sobre os rótulos, sobre as hierarquias... é sobre as relações, conexões, elos, nós, perspectivas, visões, óticas e linhas (ou barbantes) possíveis de serem percebidas ao renegar o ser e valorizar o devir da “Tiririca”.

As multiplicidades encontradas nesta espécie vegetal estão conectadas com as infinitas outras multiplicidades da existência, independentemente do valor e do desejo antrópico sobre ela:

Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta una de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras (Deleuze; Guattari, 1995, p. 15).

As diferentes compreensões somadas durante este processo de pesquisa e do fazer poético resultam na percepção da planta como fluxo contínuo, amplo e múltiplo. A *Cyperus rotundus* está sempre disposta ao “tornar-se” e ao “vir a ser” quando é compreendida por meio da diferença, passando a ser notada de maneira complexa e relacional com o mundo ao seu entorno.

Considerações temporárias

Assim como ocorre em alguns setores das ciências biológicas aplicadas, notadamente na engenharia agrícola tradicional, o meu fazer artístico anterior à presente pesquisa descrevia a *Cyperus rotundus* (tal como a vida vegetal como um todo) através de uma lente centrada no desejo humano sustentado pela utilidade. Contudo, como as diferentes sociedades manifestam relações perceptivas ímpares e classificam as plantas de acordo com seu contexto particular, a tentativa de generalizar uma coleção de estímulos sensíveis específicos sobre a referida espécie - por meio de uma definição - tende a gerar contradições. O desejo e a utilidade sobre esta e outras formas de vida são sempre relativos ao contexto humano no qual ocorrem, não podendo, em última análise, serem adotados como “definições”.



Alternativamente, ao abrir mão das hierarquias rígidas, do desejo utilitário e das generalizações, é possível aglutinar diferentes estímulos sensíveis e compreensões - notadamente quando a realidade é investigada por meio das sinergias entre o Rizoma e o olhar poético, assentindo perceber a *Cyperus rotundus* de outras maneiras. O encontro entre a criação artística, o relato de experiência e os rizomas (Rizoma e rizoma) permite investigar a vida além da cultura utilitária antropocêntrica, oportunizando a hipotetização descentralizada dos vieses comuns a um ou outro episteme e gerando, assim, uma forma de conhecimento mais ampla e que valoriza o ser vivente em sua complexidade.

Com o olhar rizomático-poético, o conhecimento como um todo pode tornar-se mais complexo ao incorporar distintos estímulos perceptivos até então não notados, ampliando as concepções sobre um tema a partir das diferenças e multiplicidades encontradas nele, contribuindo para superar centralidades, normas e vieses. Compreender o universo é compreender a vida a partir de uma ótica vivente e consciente da diferença, negando, em última análise, generalizações e verdades absolutas. No cenário apresentado, a “Tiririca” exibe uma infinidade de características estéticas e relações possíveis dentro e fora dos ciclos ecológicos, sendo possível, desta maneira, notá-la em seu devir próprio, múltiplo e relacional, indo além do que lhe foi tradicionalmente atribuído pela humanidade.

Pesquisas futuras abordando outras epistemologias além das apresentadas podem somar-se e continuamente gerar outras descobertas sobre a *Cyperus rotundus*, aproximando o conhecimento humano da complexidade infinita encontrada na planta e em suas diferenças, contribuindo, assim, para evitar outros vieses não abordados e reforçar uma cosmovisão antiutilitarista antropo-descentralizada sobre a vida vegetal e suas relações ecológicas na contemporaneidade. É preciso considerar de diferentes maneiras como se dão as relações entre a humanidade e os outros seres viventes, auxiliando para superar os problemas ecológico-ambientais desenvolvidos durante a estadia da espécie hominídea no planeta Terra.

Bibliografia

ANTUNES, Jeferson; et al. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada?



Contribuições metodológicas. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev.Pemo - Revista do PEMO**, Fortaleza, v. 6, 2024. Disponível em:
[<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>](https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517). Acesso em: 20 mar. 2025.

CARVALHO, Leonardo Bianco. **Plantas daninhas**. 1. ed. Lages: Leonardo Bianco de Carvalho, 2013. ISBN 978-85-912712-2-1.

COCCIA, Emanuele. **A Vida das Plantas**: uma metafísica da mistura. Tradução: Fernando Scheibe. 1. ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018a. ISBN 978-85-63003-86-7.

COCCIA, Emanuele. **A Virada Vegetal**. Tradução: Felipe Augusto Vicari de Carli. São Paulo: N-1 Edições, 2018b.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tania Mara Galli da; AXT, Margarete. A Imagem e as Ciências Humanas: a poética visual como possibilidade de construção do saber. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1153–1168, 2014. ISSN 2175-6236. DOI 10.1590/S2175-62362014000400011.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223–237, 2019. ISSN 1808-4281. DOI 10.12957/epp.2019.43015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - Vol.1**: Capitalismo e Esquizofrenia 2. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). 2a reimpressão (2000). ISBN 85-85490-49-7.

GUZMÁN, Mauricio; MARTÍNEZ-OVALLE, Manuel J. Las malezas, plantas incomprendidas. **Ciencia, Tecnología y Salud**, Guatemala, v. 6, n. 1, p. 68–76, 2019. ISSN 2410-6356, 2409-3459. DOI 10.36829/63CTS.v6i1.485.

LORENZI, Harri José. **Plantas Daninhas do Brasil**: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas. 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum De Estudos Da Flora Ltda, 2008. ISBN 978-85-86714-27-6.

PAVEZI, Renata Turbiani. **Controle da Tiririca (Cyperus rotundus L.) Através de Métodos Químico e Mecânico**. 1988. Dissertação (Mestrado em agronomia) – Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba, 1988.

PITELLI, Robinson Antonio. O Termo Planta-Daninha. **Planta Daninha**, Viçosa, MG, v. 33, n. 3, p. 622–623, 2015. ISSN 0100-8358. DOI 10.1590/S0100-83582015000300025.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713>>. Acesso em: 5 jan. 2025.

RIZOMA. In: DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., 2025. Disponível em:



<<https://michaelis.uol.com.br/palavra/Yk281/rizoma>>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SANTOS, Ana Lúcia Mendes dos. **Estudo químico e biológico de Cyperus rotundus L. aclimatada no Amazonas.** 2014. Tese (Doutorado em química) – Universidade Federal do Amazonas (UFM), Manaus, 2014.

WEITZ, Morris. O papel da teoria na estética. **The Journal of Aesthetics and Art Criticism**, Oak Harbor, vol. XV, p. 27–35, 1956.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025

[1] Graduando em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR, Campus Curitiba I). Email: erikfrmateus@gmail.com

[2] Professor associado da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR, Campus Curitiba I). Contribuiu como orientador para a presente pesquisa. Email: everaldoembap@gmail.com

[3] Etimologicamente, “Cyperus” era utilizado para nomear pessoas, enquanto ‘rotundus’ significa rendendo, remetendo aos rizomas que a plataforma no solo (Santos, 2014, p. 28).

[4] Popularmente é conhecida como “[...] tiririca, capim-danda, junea-aromatica, alho, tiririca-comum, tiririca, juea-aromatica, capim-danda” (Lorenzi, 2008, p. 272), dependendo do local de ocorrência, usos e cultura local.

[5] Genericamente é descrita frequentemente no meio acadêmico a partir de suas “Características gerais - planta perene, herbácea, ereta, de caule triangulado, com rizomas e tubérculos vigorosos que podem atingir até mais de 1 m de profundidade, de 10-60 cm de altura” (Lorenzi, 2008, p. 272) - conjunto a suas relações ecológicas partindo da perspectiva antropo-centrada.

[6] “El cazador se transformó en agricultor y domesticó las plantas para poder suplir sus necesidades fundamentales. El riesgo de perder la vida en la selva durante la cacería se convirtió en el riesgo de no poder suplir sus necesidades por una mala cosecha” (Guzmán; Martínez-Ovalle, 2019, p. 69).

[7] Há indícios de que a Cyperus rotundus foi introduzida na ecologia local durante a colonização portuguesa sobre o litoral brasileiro no século XVI, e depois se alastrou pelo resto do país (William, 1976 apud Pavezi, 1988, p. 2; Kissmann,



1991 apud Santos, 2014, p. 26); na atualidade, ocorre em praticamente todo território nacional (Santos, 2014, p. 26), sendo tema de estudo comum na academia brasileira.

[8] “Aunque el término maleza o mala hierba está extendido en casi todo el mundo para nominar a una especie no deseable en determinado momento, es una expresión muy severa para especies que al final de cuentas, únicamente son incomprendidas por el ser humano” (Guzmán; Martínez-Ovalle, 2019, p. 72).

[9] “Caule subterrâneo, comum em plantas vivazes, rico em reservas e caracterizado por possuir nós, botões, gemas e pequenas folhas com escamas; com capacidade para produzir novos ramos folíferos, floríferos e raízes, armazena alimento para ser utilizado pela nova planta” (Dicionário Michaelis, 2025).